



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MARAJÓ-BREVES  
FACULDADE DE LETRAS

ANA LUISA DA SILVA CASTRO

**RESISTÊNCIA E LUTA ARMADA: MARIGHELLA PELAS LENTES DO CINEMA  
BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

MARAJÓ-BREVES  
2023

ANA LUISA DA SILVA CASTRO

**RESISTÊNCIA E LUTA ARMADA: MARIGHELLA PELAS LENTES DO CINEMA  
BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, como pré-requisito exigido para obtenção do título de Licenciada Plena em Letras-Habilitação em Língua Portuguesa.  
Orientador: Prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Junior.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)  
autor(a)

---

C355r Castro, Ana Luisa da Silva.  
Resistência e luta armada: : Marighella pelas lentes do  
cinema brasileiro contemporânea / Ana Luisa da Silva  
Castro. — 2023.  
44 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Júnior  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de  
Breves, Faculdade de Letras, Breves, 2023.

1. Marighella . 2. Cinema. 3. Ditadura . 4.  
Resistência. 5. Luta armada. I. Título.

CDD 791.4361

---

ANA LUISA DA SILVA CASTRO

**RESISTÊNCIA E LUTA ARMADA: MARIGHELLA PELAS LENTES DO CINEMA  
BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Letras, do  
Campus Universitário Marajó-Breves,  
da Universidade Federal do Pará, como  
requisito parcial para obtenção do título  
de Licenciado(a) em Letras.

Data da aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Conceito: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Junior (FALE-UFPA)

---

Prof. Dr. Elson de Menezes Pereira (FALE-UFPA)

---

Profa. Ma. Neilce Santos (UFPA)

Dedico este trabalho ao meu querido avô Jackson Castro, figura paterna que durante meu crescimento foi meu amigo na troca de livros, e sempre acreditou que aquela criança conseguiria realizar o sonho de se tornar uma professora. Vô, onde quer que esteja saiba que, o curso que sua neta queria na Universidade dos sonhos, ela alcançou.

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer à força superior que rege este universo, seja ela qual for. Agradeço ao meu pai Jacksonwille pelo incentivo à leitura e à carreira que escolhi, à minha mãe Lene pelas incontáveis orações enquanto eu seguia meu sonho em outra cidade, e a ambos sou grata pela luta e pelo esforço em colocarem, apesar de todas as dificuldades da vida, suas filhas na vida acadêmica.

Às minhas irmãs Lygia, Maria e Paula, pelo incentivo e motivação, ao meu sobrinho Antony, apenas por existir em demasiada fofura. Aos meus tios pelo incentivo, em especial aos meus tios Selma, César, Suely e Jack, por todo apoio moral e financeiro nos momentos de dificuldade da minha vida acadêmica.

Às minhas amigas de faculdade Isabela, Camila e Tayná por toda cumplicidade, apoio, suporte e palavras de acalanto em momentos difíceis da vida pessoal além da acadêmica. Aos meus amigos por todo apoio e companheirismo, em particular à minha melhor amiga da faculdade Luani, e ao meu melhor amigo Jobson, sem suas falas de incentivo, o ombro amigo e todo o afeto ao longo de todos esses anos.

Ao meu companheiro Gabriel, por me apresentar o filme que inspirou esta pesquisa, por toda troca de conhecimento e todo esclarecimento de pautas políticas que acrescentaram a este trabalho um embasamento ainda mais suscito, grata por estar ao meu lado nas noites mal dormidas e nas dificuldades e bloqueios que tive em momentos desta produção, grata por me dar ânimo nas inúmeras vezes em que quis desistir e por acreditar em mim mesmo quando nem eu acreditei, sem você a conclusão deste trabalho não seria possível.

Finalmente agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Guilherme dos Santos Junior, por abraçar o tema que escolhi e pela condução atenciosa em todos os momentos ao longo desta produção.

Não ficarei tão só no campo da arte/ E, ânimo firme, sobranceio e forte/ Tudo farei por ti  
para exaltar-te/ Serenamente, alheio à própria sorte/ Para que eu possa um dia  
contemplar-te/ Dominadora, em fêrvido transporte/ Direi que és bela e pura em toda  
parte/ Por maior risco em que essa audácia importe/ Queira-te eu tanto, e de tal modo em  
suma/ Que não exista força humana alguma/ Que esta paixão embriagadora dome/ E que  
eu por ti, se torturado for/ Possa feliz, indiferente à dor/ Morrer sorrindo ao murmurar teu  
nome

*Liberdade*, Marighella, 1939

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise do filme *Marighella*, dirigido por Wagner Moura, a partir de uma convergência entre a biografia intitulada *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, de Mário Magalhães, e a representação fílmica, atentando, ainda, para a trajetória de outros personagens, não menos importantes no que diz respeito à luta armada no Brasil contra a ditadura militar. O filme é consistente quanto aos detalhes da trajetória do guerrilheiro Marighella, com base em documentos que conferem ao filme a veracidade histórica quanto aos feitos do personagem. Vetado no Brasil por conta de questões “ideológicas”, a produção teve boa recepção no exterior, ganhando prêmios de melhor atuação no *International Film Festival of India*, e elogiado em meio à crítica do *Berlin International Film Festival*, por captar o submundo da polícia militar e as atrocidades realizadas no período ditatorial brasileiro iniciadas, sobretudo com a chegada do AI-5. **Como veremos, tais sequelas políticas ainda alimentaram a polarização ideológica no contexto político brasileiro do governo bolsonarista** Concluimos que o filme apresenta de forma realista e brutal o período que configura os “anos de chumbo” no Brasil, em que Marighella representa, junto à guerrilha, a resistência aos desmandos da ditadura por meio da luta armada.

**Palavras-chave:** *Marighella*. Cinema. Ditadura. Resistência. Luta armada.

## ABSTRACT

The present work has as an objective to overlook the movie *Marighella*, directed by Wagner Moura, from the convergence between the biography entitled *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, by Mário Magalhães, and its filmic representation, paying attention still towards the trajectory of other characters, no less important in what regards the armed struggle against the military dictatorship in Brazil. The movie is consistent concerning details around the guerrilla leader's trajectory, sustaining itself in documents which confirm the film its historical veracity surrounding the character's deeds. Censored in Brazil for "ideological" reasons, the production had a good reception abroad though, winning prizes such as best acting in the *International Film Festival of India*, and complemented among critics at the *Berlin International Film Festival*, for capturing the underworld of the military police and the atrocities perpetrated at the dictatorship era initiated, overall, with the advent of the AI-5. As we shall see, such political sequels fed the ideological polarization of the "bolsonarist" government in the Brazilian political context. We conclude that the movie presents, in a brutal and realistic form the period which configured the "lead years" in Brazil, of which *Marighella* represents, along with his guerrilla movement, the resistance to the disorder of the dictatorship through armed struggle.

Key words: *Marighella*. Movie theater. Dictatorship. Resistance. Armed struggle.

## LISTA DE IMAGENS

- Fig. 1-** Seu Jorge como Marighella, filme *Marighella* (2019)
- Fig. 2-** Marighella, líder da ALN
- Fig. 3-** Luiz Carlos Vasconcelhos como “Branco”, representando “Toledo”
- Fig. 4-** Joaquim Câmara Arruda conhecido como Toledo
- Fig. 5-** Ator Jorge Paz como o personagem Virgílio (ou Jonas)
- Fig. 6-** Virgílio Gomes da Silva (popular Jonas)
- Fig. 7-** Herson Capri como Jorge Salles
- Fig. 8 -** Hermínio Sachetta
- Fig. 9-** Humberto Carrão como “Humberto”
- Fig. 10-** Marco Antônio Brás de Carvalho
- Fig. 11-** Bella Camero como “Bella”
- Fig. 12-** Maria Augusta Thomaz
- Fig. 13-** Lara Xavier Pereira
- Fig. 14-** Adriana Esteves como “Clara”
- Fig. 15-** Clara Charf
- Fig. 16-** Henrique Vieira como “Frei Henrique”
- Fig. 17-** Frei Fernando Brito, ou Frei Nando
- Fig. 18-** Cartaz do filme *Marighella* (2019)
- Fig. 19-** Cartaz da Ação Libertadora Nacional
- Fig. 20-** Delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury
- Fig. 21-** Deputado Federal Carlos Marighella
- Fig. 22-** Capa do livro “Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo”
- Fig. 23-** A tortura de Jonas, Frame do filme *Marighella* (2019)
- Fig. 24-** “Pra Frente Brasil”, de Roberto Farias, fala sobre terror e crueldade durante a Copa de 70
- Fig. 25-** Manchete *O assalto ao trem pagador*
- Fig. 26-** Frame do filme *Marighella* (2019): Assalto ao trem
- Fig. 27-** Frame do filme *Marighella* (2019): Marighella, Branco e frei Nando
- Fig. 28-** Frame do filme *Marighella* (2019): Freis Nando e Ivo entregando Marighella
- Fig. 29-** Frame do filme *Batismo de Sangue* (2006): A tortura feita a frei Tito
- Fig. 30-** Frame do filme *Batismo de Sangue* (2006): Frei Tito no pau de arara
- Fig. 31-** O assassinato de Marighella
- Fig. 32-** Marighella alvejado pela polícia
- Fig. 33-** O assassinato de Marighella, frame do filme *Marighella* (2019)
- Fig. 34-** Marighella morto, frame do filme *Marighella* (2019)

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1. A CENSURA NO BRASIL BOLSONARISTA</b> .....	14
<b>2. MARIGHELLA SEGUNDO WAGNER MOURA</b> .....	17
2.1 UMA BREVE SINOPSE DO FILME .....	18
2.2 A ALN E OS PERSONAGENS .....	19
<b>2.1.1 As Mulheres Guerrilheiras</b> .....	25
<b>3. MARIGHELLA: LUZ, CÂMERA E AÇÃO DIRETA</b> .....	27
3.1 O LUGAR DOS RELIGIOSOS NA REVOLUÇÃO .....	32
3.2 O DESFECHO: A MORTE DO REVOLUCIONÁRIO .....	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	39
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	41

## INTRODUÇÃO

No período que compreende o Golpe de 1964, o baiano e Deputado Federal Carlos Marighella (1911-1969) surgiu com a ALN (Ação Libertadora Nacional), juntamente com aqueles que lutariam na chamada “guerrilha urbana” diante de um regime ditatorial de grande envergadura opressiva, e com um aparato eficaz para conseguir informações sobre os diversos grupos que atuavam na resistência política nacional. Por conta de sua atuação diante desse cenário brutal, Marighella passa a ser o inimigo “número 1” da ditadura, já que as ações do seu grupo de guerrilheiros acabaram alcançando um forte impacto na organização dos militares brasileiros. O personagem político conseguiu uma articulação que envolvia jornalistas, religiosos, dentre outras pessoas da época, que o ajudaram nos momentos extremos de avanço contra as organizações militares e civis.

A partir da propaganda da ditadura que promoveu a figura de Marighella a um terrorista perigoso, o Delegado Fleury conseguiu uma conexão com os órgãos de espionagem da ditadura, além do aparato de tortura, que desmontou a organização do guerrilheiro ao conseguir informações utilizando-se de métodos sangrentos usados contra os parceiros e parceiras do fugitivo político. Marighella então se tornou um ícone da resistência política no Brasil ditatorial, mesmo morrendo diante de uma emboscada que não lhe possibilitou qualquer reação.

Anos depois, após um período de esquecimento, o guerrilheiro surgiu novamente no cenário nacional, principalmente quando a então presidenta Dilma Roussef iniciou um projeto intitulado *Comissão Nacional da Verdade* (2012)<sup>1</sup>, que trouxe à tona não somente os crimes perpetrados pelos militares no período ditatorial, mas também nomes de vários guerrilheiros e inocentes que morreram naquele período. Assim, dentre os resistentes, Marighella ressurgia diante de pesquisadores interessados pela carreira do político da Bahia, originando o surgimento de biografias, documentários e filmes sobre o político.

O filme atual, dirigido por Wagner Moura e intitulado “Marighella”, torna-se relevante quando se verifica que, a partir do contexto político do Brasil que teve Jair Bolsonaro como presidente, resistentes como o próprio Marighella são vistos como terroristas e indivíduos que agiram contra a “pátria” brasileira; além de suscitar

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv/57-a-instalacao-da-comissao-nacional-da-verdade.html>. Acessado em: 01/12/2022.

diversas controvérsias quanto à atuação política da esquerda nos “anos de chumbo”, ressalta-se, nesse sentido, a relevância de pesquisar os pormenores desse período, tomando como base o filme dirigido por Wagner Moura, e entender como essa produção se posiciona diante dos tempos atuais em que um militar aposentado conduz o Brasil seguindo um discurso golpista e dentre de certos parâmetros seguidos durante a ditadura militar de 1964.

Com base nesse contexto, trazemos as seguintes questões norteadoras: de que maneira o filme retrata a figura histórica do guerrilheiro Carlos Marighella? Em que medida o filme dialoga com a biografia *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, escrita por Mário Magalhães? Como se apresentam na vida real e no filme a trajetória dos guerrilheiros e guerrilheiras que atuaram junto a Marighella? De que forma o filme contribui para a memória política a partir da guerrilha e resistência armada?

Nesse sentido, objetivamos destacar, a partir do cinema brasileiro contemporâneo, a importância do guerrilheiro Carlos Marighella no que diz respeito à resistência armada no Brasil, no período em que a ditadura militar desenvolveu métodos brutais de tortura e aplicou nos que se opunham ao regime. Pretendemos mostrar, de forma comparativa, as relações entre ficção cinematográfica e história, com base na atuação da resistência armada. A partir dessas questões, dividimos os capítulos do TCC da seguinte forma:

No primeiro capítulo a presente dissertação preocupa-se em apresentar ao leitor o longo percurso do filme até seu lançamento, além de sua importância e influência política para o diretor Wagner Moura ao produzi-lo, além de contextualizar o leitor aos protagonistas da história apresentados ao longo da obra, e sua participação dentro da ALN.

Já no segundo capítulo, será apresentada as expectativas de Wagner Moura, diretor do filme, acerca da influência dessa produção cinematográfica tanto na forma documental na qual apresenta a figura do guerrilheiro Carlos Marighella quanto na retomada da memória de um regime fascista semelhante ao atual, no qual o filme sofreu vedações para ser lançado.

Em seguida, no terceiro capítulo, uma síntese do filme é apresentada ao leitor, juntamente com a descrição das pessoas que atuaram com Marighella na guerrilha e suas representações no filme, para este ambientar-se ao conteúdo do longa-metragem e sua visualidade. Após essa apresentação dos personagens da história, o

presente trabalho traça um paralelo entre os momentos da história do Regime Militar e a figura de Carlos Marighella nele, que o filme retrata, e a discussão teórica tanto a respeito dos relatos quanto das ideologias da época e críticas à mesma.

Em seguida, é mostrada a relação dos frades dominicanos com a ALN e sua ação junto a ela, sendo enfatizada a participação dos freis Nando, Betto, Tito e Ivo e suas atuações ao longo da trajetória de Marighella até o momento de sua morte, e a tortura sofrida por alguns destes.

Por último, é mostrado como se deu a morte de Carlos Marighella, fazendo um comparativo de como ocorreu seu assassinato por Fleury e seus capangas e como o filme retratou esse último momento do guerrilheiro que incendiou o mundo.

## 1. A CENSURA NO BRASIL BOLSONARISTA

“Não existe liberdade no País. A censura é exercida para coibir a atividade intelectual”

Marighella, 1968

*Marighella*, como produção cinematográfica nacional, não foi bem recebida pelos defensores dos *Anos de Chumbo*, pois estes temiam que a luta de Carlos Marighella fosse vista como uma fonte inspiradora para os movimentos sociais que, na atualidade, ainda se opõem aos ideais bolsonaristas. Embora diante de um cenário político brasileiro carregado de censura e pessoas reacionárias, o filme teve uma recepção e uma projeção muito bem-sucedida em países europeus e ibero-americanos, mesmo alguns ligados ao conservadorismo político, assim como teve repercussão no território estadunidense.

Apesar de não ter sido lançado no Brasil, inicialmente, resultou em uma das notas mais baixas no IMDB (site que avalia os filmes através de votação) por conta de uma grande soma de votos negativos oriundos de usuários brasileiros que consideraram que o longa-metragem fazia apologia ao terrorismo. Esses grupos articulados conseguiram mais de 34 mil votantes que deram notas “1” ao filme, numa escala até “10”.

Por conta disso, a revista digital “PopLine” divulgou a detecção de uma atividade incomum no sistema de votação dos filmes. Isso causou estranhamento, uma vez que a atividade se configurou-se errônea, pois o filme ainda não tinha sido exibido no Brasil. Assim, a perseguição política se tornou evidente através do assédio cibernético e, de forma contundente, Wagner Moura disse o seguinte<sup>0</sup> em entrevista durante a apresentação do filme em Berlim:

[...] Espero que meu filme seja maior que o atual governo de Bolsonaro, e é a primeira resposta da cultura a esta situação. *Marighella* fala de alguém que resistiu naquela época e se dirige a quem resiste agora: a comunidade LGBT, os negros, moradores das favelas...<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Wagner Moura: “Espero que ‘Marighella’ seja maior que o Governo de Bolsonaro”, disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/15/cultura/1550237741\\_716082.html?outputType=amp](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/15/cultura/1550237741_716082.html?outputType=amp)

Como ficou claro durante o governo Bolsonaro, e mesmo após seu término em 2022, houve todo um desmonte da agência de cinema, que tem um histórico de 20 anos auxiliando produtores brasileiros (ANCINE); a instituição alegou não ter recursos para financiar diversas produções cinematográficas brasileiras. Segundo o jornal *Carta Capital*, Bolsonaro justificou essa decisão dizendo que o dinheiro público não seria usado para financiar produções como, por exemplo, *Bruna Surfistinha*. Quando questionado sobre a posição da classe artística perante essa censura de produções cinematográficas, Bruno Gagliasso, em entrevista a Marcelo Forlani, afirmou:

Não é uma questão de precisar se posicionar. A gente faz arte. Arte é posicionamento. Arte é política. Não tem jeito. A arte, por si só, ela já é política. Eu não acredito muito nessas pessoas que, quando me perguntam “Ah, o que você acha de quem não se posiciona?” Quem não se posiciona já está se posicionando. Você não pode estar a favor, ou estar satisfeito, ou falar que não se posiciona politicamente porque você é artista. Pelo contrário, justamente por ser artista você tem que ter um posicionamento muito claro.<sup>3</sup>

Osmar Terra, ministro da Cidadania, neutralizou filmes e séries com temática LGBTQIA+, problemáticas sobre racismo, desigualdades social e de gênero. Em contraponto, Luce (2019, p. 36) afirma que

É preciso interseccionar as lutas de classe, étnica-racial, gênero e orientação sexual para visibilizar, para além da dimensão capitalista, os posicionamentos racistas, misóginos e LGBTfóbicos que o fascismo contemporâneo assume, tentando compreender como isso afeta de formas diferentes os grupos que são o alvo desses ataques.

Entre as produções que foram atacadas pelo governo Bolsonaro temos: *Transversais* (2019), de Emerson Maranhão, documentário que conta relatos de cinco pessoas transexuais com de diferentes origens e classes, que foi selecionado na categoria “Diversidade de gênero”, em 2018, no Festival 4 ° AMOR, festival de cinema no Chile; foi censurado por Bolsonaro, sendo lançado apenas em 2021 pela plataforma de *streaming* Netflix; outro exemplo é o filme *A Vida Invisível*, de 2019, filme que conta a história de duas irmãs, Guida e Eurídice, oprimidas pelo patriarcado e que acabam tendo que seguir caminhos diferentes; foi proibido de ser passado em

---

<sup>3</sup> Galiasso detona Bolsonaro ao falar de Fleury, personagem que interpreta em “Marighella”, disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2021/11/26/gagliasso-detona-bolsonaro-ao-falar-de-fleury-personagem-que-interpreta-em-marighella-106733.html>

um evento de capacitação da própria ANCINE. Em paralelo a isso, o filme sobre a “ascensão” de Bolsonaro a partir das manifestações de 2013 recebeu o apoio de mais de 500 mil reais para a sua produção.

Vale ressaltar que o ato de censura se delibera por conta do teor ideológico e sociopolítico das produções audiovisuais. Com esse período de refreamento da liberação de verba para o lançamento das obras, foram contabilizados mais de 400 projetos aguardando a liberação de recursos. Nesse contexto de crítica ao governo Bolsonaro, que se inspira rigorosamente nos moldes da Ditadura Militar, Magalhães (2012, p. 453) explica que “desde o AI-5, os raros espaços arejados da mídia se asfixiavam: tornara-se impensável veicular um documento da lavra de Marighella como o Jornal Do Brasil se atrevera em setembro de 1968”.

A história de Marighella contada pelas lentes do cinema através da interpretação do diretor Wagner Moura segue um critério ético-político e tem potencialidade para chocar e sensibilizar as pessoas que conhecem sua trajetória de luta contra o regime militar. As pessoas têm uma dimensão do que representa as ideias do bolsonarismo, isso facilita a compreensão [da trama] e só faz o filme ganhar mais força como oposição ao conservadorismo dos adoradores do ex-presidente.

Com efeito, o temor por parte do Estado, no que diz respeito à consciência coletiva que lutou contra a ditadura, estimula e traz à tona essa memória sangrenta da história brasileira. O filme representa esse combate por meio do cinema contra o bolsonarismo que gestou um tipo de fascismo no Brasil em pleno século XXI, com uma massa de seguidores fanáticos que viram em Bolsonaro um porta-voz de seus pensamentos inescrupulosos.

## 2. MARIGHELLA SEGUNDO WAGNER MOURA

“Filmes são conjunções entre o momento  
em que eles são feitos e o momento em que  
são apreciados”  
Wagner Moura, 2021

Wagner Moura, em entrevista para o programa *Roda Viva*, em novembro de 2022, quando questionado sobre a repercussão de “*Tropa de Elite 2: O Inimigo Agora É Outro*”, se fosse lançado em 2018, disse: “Filmes são conjunções entre o momento em que eles são feitos e o momento em que eles são apreciados”. Ainda na entrevista ao *Roda Viva*, podemos verificar o caráter combativo de Wagner Moura a partir de uma pergunta feita por Vera Magalhães sobre data de lançamento de seu filme, após o atraso de dois anos de um embate social e burocrático em prol da estreia nacional de *Marighella*: “Esse alívio, essa alegria de estar lançando o filme aqui finalmente [...] é reforçado pelo período em que a gente esteve impossibilitado de lançar o filme”. O cineasta brasileiro expressou ainda que o sentimento de representatividade artística do longa-metragem:

As pré-estreias todas, Salvador, Fortaleza, Rio, São Paulo, as pré-estreias que fomos fazer em movimentos sociais, todas elas, têm sido tão bonitas e tão emocionantes porque esse sentimento que, que eu tenho, que é um filme feito pro Brasil e não somente sobre os que resistiram na ditadura militar de 60-70, mas também é sobre os que resistem hoje no Brasil..., fica muito forte nas pré-estreias [...] Pra um filme que tem sido tão atacado, com tanta violência, desde a época do financiamento até agora, seguimos sendo atacados, chega na hora das pré-estreias e receber amor das pessoas, as pessoas olharem pro filme e dizerem; “nós queremos que este filme aconteça, que estreie. A luta de Marighella é a nossa luta, neste momento”. Isso pra mim... me deixa muito feliz.

É evidente através destas palavras que “*Marighella*” é um filme produzido para as massas, para aqueles que vivem à margem social e sob o julgo de uma classe detentora dos meios de produção. E, ironicamente, toda a trajetória que seus produtores tiveram de percorrer para fazer com que o longa chegasse ao respectivo público, foi mais do que contundente com tal objetivo, de expor que existiu e existe uma luta de classes tão aberta quanto antagônica no Brasil, pois, a luta pela retomada da memória dos tempos da ditadura militar representa um contraponto ao discurso vigente bolsonarista que busca naturalizar um tipo de “revolução” inexistente.

Muito antes de toda a trajetória que o filme percorreu para que fosse realizada sua estreia no Brasil, o próprio Wagner Moura, ao ser questionado sobre os atrasos para o lançamento, disse em entrevista ao canal Omelete sobre o motivo desse atraso que afetou diversas outras produtoras e produções cinematográficas durante o governo de Bolsonaro: “Nós marcamos uma data, e aí a Ancine inviabilizou a estreia do filme, mesmo. Eu não tenho nenhum problema em dizer que o que aconteceu foi censura. Justamente numa época em que Bolsonaro falava em filtragem”. Esse atraso se desfez a partir do esforço e da unidade da classe que considera Carlos Marighella uma figura importante da política brasileira, que estimulou em nosso país “ação direta das massas”. Foi importante ainda mobilizar múltiplas salas de cinema para levar o filme em diferentes lugares do Brasil. Tal como um ato revolucionário, este filme causou e causa seu efeito por conta de sua dramaticidade e performance dos atores e atrizes.

## 2.1 UMA BREVE SINOPSE DO FILME

“Uma vez que o dever de todo revolucionário é  
fazer a revolução, não pedimos permissão a  
ninguém para praticar atos revolucionários e  
somente e somente temos compromissos com a  
revolução”  
Carlos Marighella, 1968

O longa-metragem *Marighella*, além de respeitar a figura e a memória do guerrilheiro, imortalizando-o nas telas de cinema, é uma ode a São Paulo de meados da década de sessenta, em meio ao cenário da mais completa ebulição social em torno de uma decisiva “revolução social” vinda de uma parcela povo brasileiro, diante um contexto em que a ditadura burguesa e o fascismo corporativista era combatida por diversos órgãos revolucionários, dentre eles, a ALN (Ação Libertadora Nacional), uma organização que buscava defender os direitos do povo através do princípio do materialismo histórico-dialético, de guerrilhas populares e da ação direta das massas. Essa organização foi encarada não como um partido comunista, mas como um agrupamento marxista-leninista voltado à formação e à realização da guerra popular prolongada, uma estratégia aplicada pelo Partido Comunista Chinês e universalizada através do pensamento maoísta.

Carlos Marighella protagoniza o enredo, contudo, não é apenas a vida do guerrilheiro o cerne da discussão que o longa busca suscitar em sua audiência, mas

sim, os demais integrantes dessa ação, além de todo o ambiente da guerra institucionalizada e interna que tomou conta do Brasil na época retratada. Os personagens, incluindo Marighella, apresentam características tão questionáveis quanto complexas e a motivação que os interliga perpassa pelo envolvimento com a organização revolucionária ou a revolução em si. O objetivo do longa é criar uma reflexão ao mesmo tempo política e ética, explorando, por exemplo, a relação de Marighella com seu filho e a necessidade sentida em pai e filho de estarem juntos, apesar de todo imbróglio com a organização armada e a mais verdadeira caçada humana que o governo brasileiro promoveu contra o líder revolucionário.

Esse sentimento de unir-se ao filho fica enfatizado no filme quando, em uma das cenas, Marighella manda uma carta para ele, na qual ele fala desse desejo, justamente por buscar um “mundo melhor” para o filho. É muito claro ainda que o antagonismo político não é meramente baseado em uma polarização, e sim com um conflito de interesses entre o governo do Estado Unidos da América e o governo brasileiro.

## 2.2 A ALN E OS PERSONAGENS<sup>4</sup>

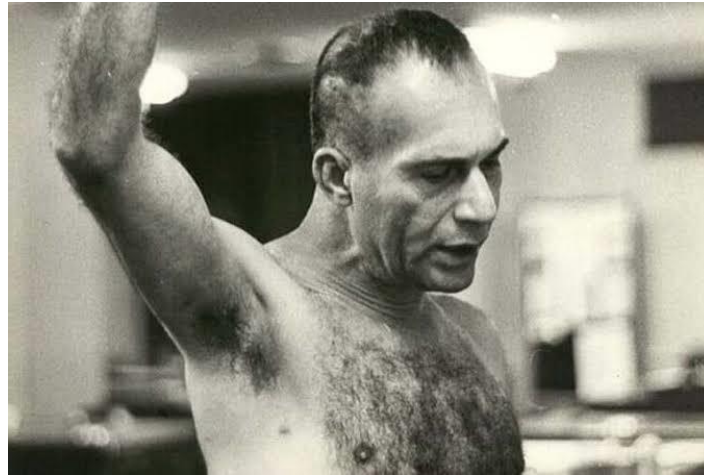
Quanto aos protagonistas dessa produção, Wagner Moura colocou o nome dos próprios atores nos personagens que compunham a ALN. O primeiro é Carlos Marighella (fig. 1), guerrilheiro líder da ALN, considerado inimigo número um do governo militar e revolucionário documentado por Mário Magalhães, interpretado pelo cantor e ator Seu Jorge (fig. 2).

**Fig. 1-** Seu Jorge como Marighella, filme *Marighella* (2019)

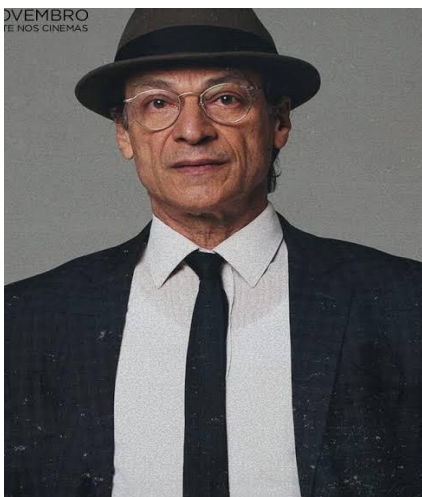


<sup>4</sup> MAGALHÃES, Mário. *Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo*. 1ª edição. São Paulo: Companhia de Letras, 2012

**Fig. 2-** Marighella, líder da ALN



**Fig. 3-** Luiz Carlos Vasconcelhos como “Branco”, representando “Toledo”



**Fig. 4** Joaquim Câmara Arruda conhecido como Toledo



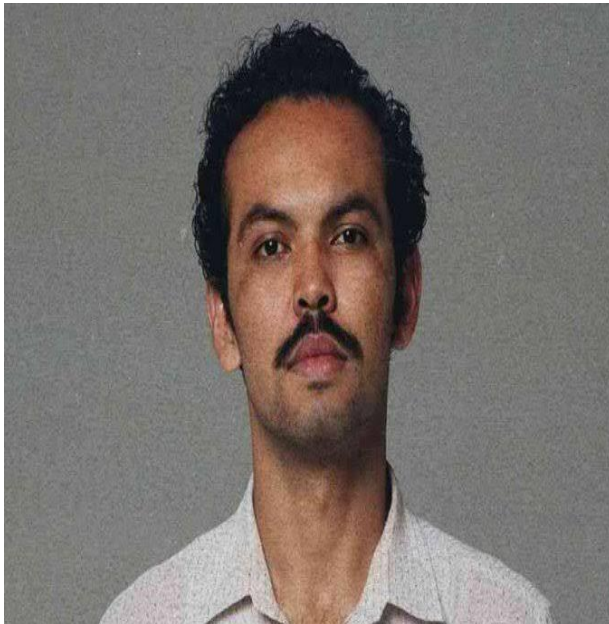
O personagem Almir (ou Branco), interpretado pelo ator Luiz Carlos Vasconcelhos (fig. 3), representa Joaquim Câmara Arruda (fig. 4), conhecido como Camarada Toledo ou Velho; esteve com Marighella na direção do PCB. Quando houve um rompimento no partido sobre que rumo eles deveriam tomar em vista do golpe militar, ele acompanhou Marighella na saída do partido; após essa saída eles se juntaram em um agrupamento comunista de São Paulo que foi eventualmente o embrião da Ação Libertadora Nacional (ALN) contra a ditadura militar que, em sua última instância, era o resultado de toda a crítica que Câmara e Marighella faziam ao PCB por este optar por pela via democrática e não pela luta armada.

Toledo participou de muitas ações dentro da ALN, como também participou do sequestro junto com a MR-8 (Movimento Revolucionário 8) do embaixador norte-americano Charles Elbrick; em troca exigiram que seu manifesto fosse lido na rádio e

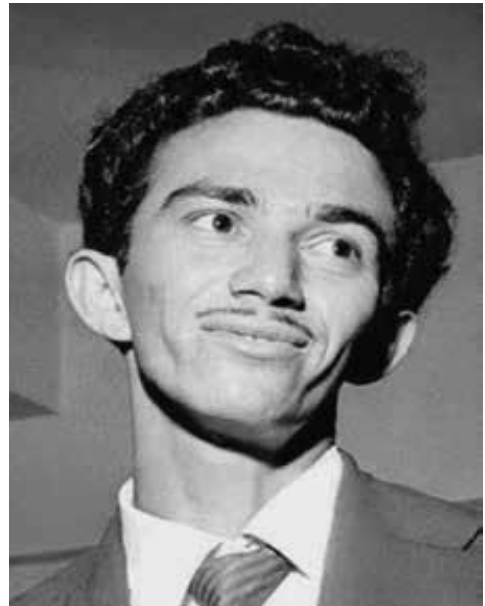
na televisão nacionais, além da soltura de quinze presos políticos; após o cumprimento das exigências o embaixador foi solto, contudo, assim como mostrado no filme, Marighella só foi saber dessa ação quando ouviu eles no rádio. Após a morte de Marighella, Toledo assumiu a liderança da ALN, provendo muita expropriação, até sua morte em um sítio, pelas mãos de Fleury e seus capangas, após uma série de torturas (MAGALHÃES, 2012)

A ALN era dividida em grupos e subgrupos, dentre estes: logística, mobilização e de GTA (Guerrilha, Terrorismo e Assalto); dentro deste último havia os grupos de fogo que estavam concentrados no comandante Marquito que, assassinado pelo DOPS, deixou a vaga em aberto. Com isso, Marighella pediu para assumir esse posto de Virgílio Gomes da Silva (fig. 6, interpretado pelo ator Jorge Paz, fig. 5), conhecido como Jonas, que havia saído do PCB ao discordar da guinada do partido para a direita, e que estava defendendo a via democrática ao invés da combativa, por conta do passado de ambos no PCB inspirados no centralismo democrático leninista.

**Fig. 5-** Ator Jorge Paz como o personagem Virgílio (ou Jonas)



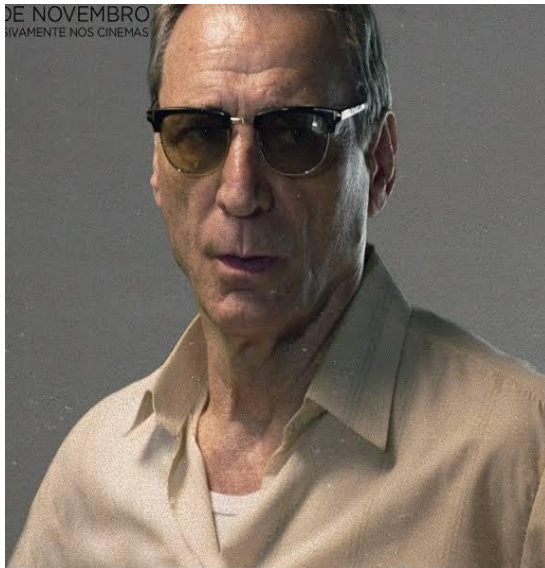
**Fig. 6-** Virgílio Gomes da Silva (popular Jonas)



Como é mostrado no filme, Jonas se doa à revolução, assim como pela sua família, tentando, de alguma forma, conciliar ambos, contudo sem o conhecimento de Marighella que, ao descobrir, briga com ele. Em 1970, Virgílio foi preso pelo seu envolvimento no sequestro do embaixador Charles Elbrick, sendo torturado pela Oban (Organização Bandeirante) e morto durante a tortura. Entretanto, mesmo com tantos

relatos de outros que estavam sendo torturados no mesmo lugar que ele, esses testemunhos somente vieram à tona em 2004, quando foram encontrados documentos que comprovavam que ele havia sido morto na época em que foi torturado, pois ele, assim como tantos outros, foram dados como desaparecido, e não faziam parte da contagem de mortos pela ditadura (LEMOS; HERMANSON, 2019). Entre os presos no mesmo lugar onde estava Virgílio, podemos citar os jornalistas Antonio Carlos Fon e Celso Horta, que relataram, dentre os gritos de Jonas diante da tortura, a frase: “Vocês estão matando um brasileiro!”.

**Fig. 7-** Herson Capri como Jorge Salles



**Fig. 8 -** Hermínio Sachetta



O ator Herson Capri (fig. 7) interpreta o personagem Jorge que faz referência a Hermínio Sachetta (fig. 8), figura que na década de 30 era rival de Marighella dentro do PCB. Por volta do fim da década de 50 e início da década de 60, quando o partido começa a dar uma guinada para a direita, Sachetta, por ser trotskista, forma uma fracção dentro do partido para reformular a direção colocando gente nova, que pudesse conduzir a via democrática de uma maneira que não fosse nociva, e que respeitasse “as liberdades”. Sachetta permaneceu à margem da luta no início da ditadura militar; além disso, ele tinha um jornal que se chamava *Diário da Noite*, contudo, em sigilo, ele editava o jornal *Bandeira Vermelha*, que pertencia a uma célula internacional comunista que politicava no Brasil; nessa mesma época, ele é chamado para Câmara e, por meio desse jornal, começou a agir junto com a ALN com o intuito de publicar “material subversivo” (MAGALHÃES, 2012)

Em seguida, temos o personagem Humberto interpretado pelo ator Humberto Carrão (fig. 9); esse personagem faz referência ao guerrilheiro Marco Antônio Brás de Carvalho (fig. 10), mais conhecido como Marquito (já mencionado anteriormente), que foi o combatente mais impetuoso. Marquito foi o primeiro comandante do até então GTA (Grupo Tático Armado) que, em decorrência da multiplicação dos grupos de fogo, do agrupamento comunista e a fortificação da organização, foi se transformando até se tornar a ALN. Por voto unânime da Ação, Marquito era o encarregado de assegurar que as missões dadas fossem concluídas; ele, ao contrário de Marighella, dizia ser pouco conhecedor do marxismo leninista, que sua militância era mais de guerrilha. (MAGALHÃES, 2012). Marquito foi acusado de ter matado o embaixador NORTE-AMERICANO Charles Elbrick na frente do filho, ocorrido mostrado no filme

**Fig. 9-** Humberto Carrão como “Humberto”



**Fig. 10-** Marco Antônio Brás de Carvalho, popular Marquito



Até o momento de sua entrada na guerrilha, Marquito era desenhista e mecânico, e teve sua carreira destruída devido à situação acirrada que estava no mercado de trabalho no período da ditadura, e à censura que sofria devido a ser um desenhista comunista. Assim, ele não via mais futuro para si na ilustração e na mecânica, então decidiu entrar na militância, o que culminou em sua morte no início de 1969, por ser uma pessoa que, por não ter medo, constantemente se expunha, ao se envolver na morte de inúmeros policiais, sendo “marcado” de morte pela polícia. Vale ressaltar que, apesar de não ser um militante de cadência intelectual, ele organizava passeatas e manifestações de caráter violento, e em uma dessas manifestações Marquito foi capturado pelo DOPS e torturado, com o intuito de que ele

acabasse com os protestos, o que surtiu efeito totalmente contrário, pois ele acabou entrando para a guerrilha (MAGALHÃES, 2012).

O frei Tito Alencar participou de uma das diversas passeatas contra a ditadura em 1969, no início da ALN, onde tiraram uma foto dele, o que acarretou a ligarem um grupo de frades dominicanos à ALN, esse grupo era primariamente composto por frei Beto, frei Fernando, frei Ivo e frei Tito, esse último foi um dos primeiros a sair desse agrupamento, contudo quando os frades começaram a “cair” ele foi um dos primeiros a ser capturado, sendo torturado de forma sádica para entregar informações a respeito da ALN, informações essas que não possuía por já ter saído da organização, apenas frei Beto conseguiu fugir.

**Fig. 16-** Henrique Vieira como “Frei Henrique”



**Fig. 17-** Frei Fernando Brito, ou Frei Nando



Os freis Nando e Ivo saem da Ação logo após, ao serem capturados e torturados pela polícia depois de esta grampear o telefone da igreja, acabarem entregando Marighella, cena ilustrada no filme. Em relato à Mario Magalhães para o livro “Marighella- O guerrilheiro que incendiou o mundo” frei Nando disse a respeito do remorso guardado da época em que foi preso depois da morte de Marighella, pois quando saiu da prisão sofreu ao saber que foi considerado pela mídia e por muitos como um traidor da Ação e o responsável pela morte do guerrilheiro. mas reconhecem que não teriam a capacidade de aguentar a tortura. Não há um relato amplo da atividade de frei Nando na ALN, sabe-se apenas que entrou para a Ação junto com os demais frades e que efetuou o papel de “bode espiatório” para a ALN, resolvendo as questões de logística e recursos humanos, por não levantar suspeitas devido à posição eclesiástica (MAGALHÃES, 2012).

### 2.1.1 As Mulheres Guerrilheiras

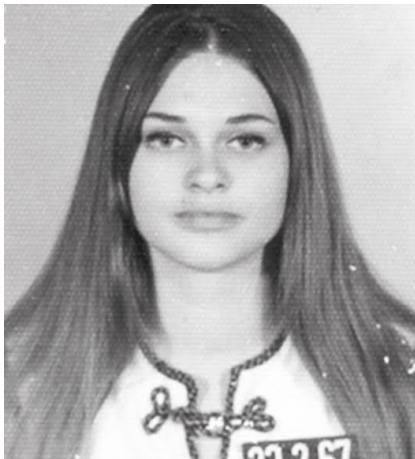
Maria Augusta (conhecida dentro da Ação por seus tiros certos) foi uma jovem de classe média alta do interior que se radicalizou por conta da elevação da consciência de classe e da repressão política militar, ela sempre estudou em escolas particulares e ingressou na faculdade. No entanto, ela tinha uma ânsia de ir para São Paulo; em seguida, filiou-se à UNE e participou de diversas manifestações políticas. Apesar de não ter entrado para a ALN, ela participou de diversas manifestações políticas com a Ação, dentre essas interações o curso de guerrilha que a ALN promoveu em Cuba na qual, mesmo com a desmotivação de muitos por ela ser mulher, Maria participou (MAGALHÃES, 2012)

Maria Augusta conheceu muita gente da ALN e “puxou” muitos dos integrantes para o seu grupo, ela foi considerada por muitos como uma “Marighella feminina” após a morte do guerrilheiro, o que aparece em uma das últimas cenas do filme. A revolucionária, juntamente com outras mulheres ex-integrantes da ALN, formou a MOLIPO (Movimento de Libertação Popular), promovendo diversos assaltos e sequestros, chegando a sequestrar um avião Boeing da Varig na rota Buenos Aires-Santiago, desviando-o para Cuba, para exilar a si e a seus companheiros.

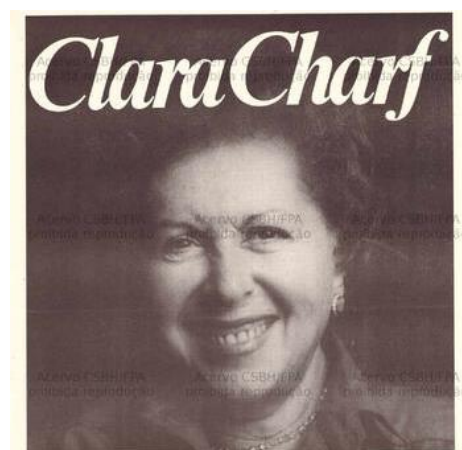
Fig. 11- Bella Camero como “Bella”



Por volta de 1973 toda a força armada estava atrás dela; no início de Maio, ela e seu companheiro se mudaram para uma fazenda no interior de Goiás, e, no dia 17 do mesmo mês e ano, ambos foram executados em uma operação envolvendo a milícia de São Paulo, Goiás e do Distrito Federal; apesar de a polícia relatar que as mortes ocorreram em um tiroteio, os laudos apontaram que o casal havia sido executado (Comissão da Verdade da PUC-SP).

**Fig. 12-** Maria Augusta Thomaz**Fig. 13-** Lara Xavier Pereira

Já a revolucionária Lara Xavier Pereira pertencia a uma família de militantes que estavam envolvidos com a ALN; ela se envolveu com outro integrante da organização com quem teve um filho (MAGALHÃES, 2012). Na ação que fizeram na rádio com a leitura do manifesto, ela foi a locutora; participou também do sequestro em parceria com a MR-8; vários de seus companheiros foram mortos, inclusive seus irmãos. Após às insistências de seu companheiro, Lara decidiu ir para Cuba com o filho, enquanto ele ficou no Brasil e acabou sendo morto, assim como toda sua família. De Cuba ela foi para a Colômbia; em seguida para a Itália e, por fim, acabou voltando para o Brasil em 1979, após 6 anos de exílio, quando lhe informaram que poderia voltar pois estava livre de seu processo, e não teria que esperar pela sua anistia (HOLLANDA, 2021).

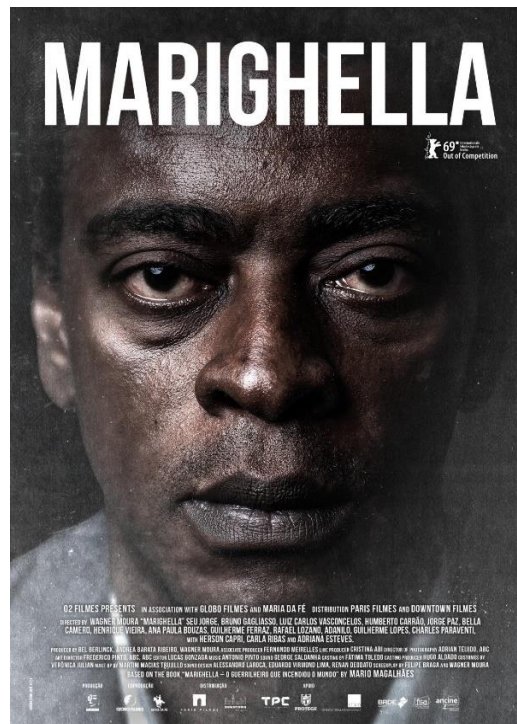
**Fig. 14-** Adriana Esteves como “Clara”**Fig. 15-** Clara Charf

Clara Charf conheceu Marighella próximo do início de seu ingresso no Partido Comunista; ambos pertenciam a esse partido, sendo ela a responsável por repercutir as ideias do companheiro dentro da ala feminista do partido. Foi amante de Marighella, mas conhecida por muitos como sua esposa; contudo se separaram após Marighella

ter participado de um ato da ANL (Aliança Nacional Libertadora) e ser preso ainda na Era Vargas, para depois ser solto em 1945 devido à anistia e do processo de redemocratização do país (MAGALHÃES, 2012). Durante o período em que Marighella ficou preso, Clara Charf ficou sendo a representação dele fora da prisão, por meio de cartas que eles trocavam. Quando a situação começou a ficar mais perigosa no período da ditadura, ambos já não estavam mais no Partido Comunista, e Clara se mostrava contra a Ação que Marighella queria fazer, não por não concordar com a luta armada, e por temer a morte do guerrilheiro, o que gerou uma separação (situação ilustrada no filme). No entanto, apesar de não estarem mais juntos, mantinham contato esporádico. Vale ressaltar ainda que Clara não participava da ALN, mas, apesar disso, Marighella sempre a matinha informada dos acontecimentos da Ação (MAGALHÃES, 2012).

### 3. MARIGHELLA: LUZ, CÂMERA E AÇÃO DIRETA

Fig. 18- Cartaz do filme *Marighella* (2019)



O filme foi inspirado na biografia *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, de Mário Magalhães. Tal filme sofreu barreiras impostas pelo governo do então ex-presidente Jair Bolsonaro, que agiu por meio da censura em relação ao filme de Wagner Moura, para evitar uma grande divulgação para o público brasileiro. Diante disso, podemos afirmar que depois do fim da ditadura em 1985, durante 4 anos nos encontramos em um cenário que se assemelhava à época dos “anos de chumbo”,

pois tal período da história (o presente) suprimiu e repreendeu violentamente as forças democráticas do país e toda a organização da classe trabalhadora.

No cenário em que se passa o filme, em plena ditadura, o porte de armas era bastante estimulado pelas propagandas que alegavam maior “proteção” para a família. Desta maneira, a concentração do poderio foi, nos 21 anos de regime militar, totalmente voltada para a elite social e forças armadas através do que veio a ser conhecido como “Doutrina de Segurança Nacional”, que incentivou a indústria armamentista como nunca na história do país, na tentativa de isolar o acesso às armas da parcela pobre ou “subversiva” da sociedade e neutralizar levantes armados.

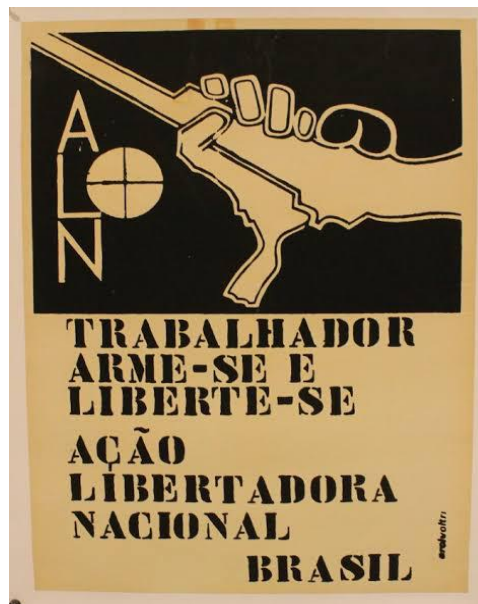
As mídias foram fundamentais para enfatizar que essa proteção era necessária, tendo em vista uma guerra em prol da “moral e bons costumes” que estaria por vir, além da proteção de suas posses e bens “ou seja, uma ditadura do capital financeiro, que se apoia sobre uma ampla rede de organizações de massa, sobre o consenso organizado da maioria da população” (COUTINHO, 1999, p. 51).

Em 1964, com as promessas de Goulart em relação à Reforma Agrária, muitos viram nessa aproximação com a esquerda a chamada “ameaça comunista”, e foram às ruas de São Paulo protestar na *Marcha da Família com Deus pela Liberdade*. Santos Júnior (2015), em seu artigo sobre o documentário *O dia que durou 21 anos*, afirma que

Um dos ‘tentáculos’ usados pelo governo americano, sem dúvida, foi o trabalho da imprensa, no sentido de divulgar informações que reforçavam diversas turbulências políticas, econômicas e culturais que o Brasil estava passando (SANTOS JÚNIOR, 2015, p. 4).

Nesse contexto, segundo Ambrosio (2011), “as forças armadas, com amplo apoio de setores da igreja, elite e classe média, temerosos à ‘ameaça comunista’, passaram a ter plenos poderes sobre o governo brasileiro.” Com essa nova segregação, juntamente com a opressão policial e a censura de tudo o que denunciasse a opressão do Regime Militar, iniciou-se a deflagração das guerrilhas urbanas, a ALN, antes conhecida meramente como “Agrupamento Comunista De São Paulo”, incentivando simpatizantes do movimento a fabricarem armas caseiras sob o lema “Trabalhador; arme-se e liberte-se”.

**Fig. 19-**Cartaz da Ação Libertadora Nacional



A “ameaça comunista” propagada por grupos anticomunistas foi o que levou muitos cidadãos a apoiarem o novo governo, pois eles estavam convencidos de que João Goulart queria impor um governo socialista no Brasil, que iria extinguir os valores tradicionais. Arendt (1951) descreve a influência do fascismo na propaganda de massa, o que nos possibilita entender melhor como funcionava a máquina ditatorial propagandística no Brasil:

A propaganda de massa descobriu que o seu público estava sempre disposto a acreditar no pior, por mais absurdo que fosse, sem objetar contra o fato de ser enganado, uma vez que achava que toda afirmação, afinal de contas, não passava de mentira. [...] Se recebessem no dia seguinte a prova irrefutável da sua inverdade, apelariam para o cinismo; em lugar de abandonarem os líderes que lhes haviam mentido, diriam que sempre souberam que a afirmação era falsa, e admirariam os líderes pela grande esperteza tática. (ARENDR, 1951, p. 332).

No filme sobre Marighella, o fenômeno do fascismo, além de ser o pano de fundo de toda a história, é explicitamente visto em diversos personagens que representam figuras do período ditatorial de caráter reacionário. Uma dessas figuras interpretadas pelo ator Bruno Gagliasso se chama Delegado Lúcio, que representa, no plano histórico, a figura ardilosa do delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury, do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), o principal perseguidor e assassino de Marighella, e de tantos outros revolucionários pegos pelos aparelhos de repressão do Estado.

**Fig. 20-** Delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury



Outra figura da época é o delegado Cecil Borer, do Departamento de Ordem Social e Política de Guanabara (DOPS/GB), que, segundo evidências apresentadas pelo biógrafo Mario Magalhães (2012), foi ele a autoridade responsável pelo mandato de busca e apreensão no episódio do tiro no cinema SKYE, na Tijuca, fato histórico que é retratado no início do filme de Wagner Moura. No escrito intitulado *Por que resisti à prisão*, Maighella diz que sentiu gosto amargo do sangue em sua boca, no momento da prisão.

Então, em vista de todo este emparelhamento absurdo e autodestrutivo que reinou nos anos da Ditadura Militar, é certo dizer que a relutância por lançar um filme sobre a vida de um ex-deputado estadual convertido em líder guerrilheiro e assassinado brutalmente pelos órgãos de repressão da época se dá por uma ousadia do diretor do filme.

Na atualidade, através de um meticuloso processo de desinformação direcionado a seus apoiadores, o bolsonarismo construiu uma militância fanática em torno de seu líder, tratando com ódio figuras que resistiram ao golpe de 1964. Contudo, mesmo diante do boicote governamental, o filme foi lançado despertando muita polêmica na crítica especializada.

Fleury, algoz de Marighella, é enaltecido pelos ideários da direita brasileira assim como foi na época, lembrado como um “herói revolucionário” pelo campo extremista. Tal exaltação de figuras que mantinham práticas autoritárias no país é vista atualmente como algo salutar pelos bolsonaristas, basta lembrar o episódio

ligado à destituição de Dilma Rousseff quando Bolsonaro exaltou abertamente Ustra, um dos maiores lacaios e torturadores do período da ditadura.

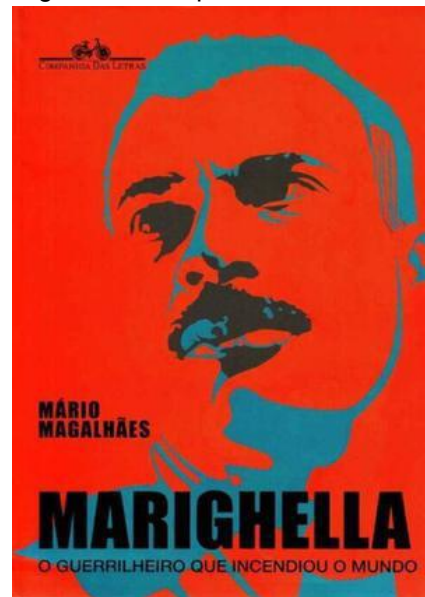
Apesar da caracterização ter sido resultado de estudo de um único perseguidor de Marighella, os elementos que compõem a personagem são traços inerentes de cada um dos chefes de polícia que capturaram e torturaram o revolucionário antes de 1964. Quando perguntado em entrevista a Marcelo Forlani, do Omelete, sobre sua visão sobre seu personagem Bruno Gagliasso respondeu que

Foi um personagem muito difícil, porque eu faço um cara que é racista, fascista, e é tudo que eu mais abomino. Tenho dois filhos negros, eu sou completamente contra esse desgoverno que a gente tem e o filme é bem atual (...) Por isso que eu deixo bem claro em todas as entrevistas que eu dou: o meu personagem é a escória da história, meu personagem é o que há de pior no ser humano. Meu personagem é o que há de pior no país e isso não é um privilégio só da ficção, não. Hoje, lá em Brasília, tá cheio.

**Fig. 21-**Deputado Federal Carlos Marighella



**Fig. 22-** Capa do livro “Marighella, o guerrilheiro que incendiou o mundo”



Ainda sobre o delegado, na época da ditadura houve inúmeras denúncias por parte da justiça em razão da sua influência junto a matadores de aluguel, que executavam pessoas por motivos torpes nas favelas da grande São Paulo; ele era notório por sua capacidade de praticar de forma “eficaz” além da violência física a violência psicológica, exaurindo o estado mental da vítima através de insultos e ameaças das mais diversas, sem falar da combinação de instrumentos na tortura física e psicológica. Uma dessas torturas era a eletrocussão dos “agitadores”. Exemplo

disso, uma cena do filme *Marighella*, na qual o personagem Jonas é capturado e torturado pelo DOPS pode ser comparada a outra cena clássica do cinema nacional:

**Fig. 23-** A tortura de Jonas, Frame do filme *Marighella* (2019)



**Fig. 24-** "Pra Frente Brasil", de Roberto Farias, fala sobre terror e crueldade durante a Copa de 70 – Divulgação<sup>5</sup>



Na conta do delegado ele carrega consigo também o peso de pelo menos uma centena de pessoas desaparecidas ou mortas, clandestinamente removidas da sociedade, além das famílias destas pessoas que até hoje não obtiveram resultados favoráveis no que diz respeito a justiça brasileira.

### 3.1 O LUGAR DOS RELIGIOSOS NA REVOLUÇÃO

Se não curte mais sonhos de um futuro melhor, não injeta a utopia na veia e não assume seu protagonismo como cidadão, preferindo se isolar em sua redoma de cristal, é sinal de que lhe roubaram a fé.  
Roubaram a esperança?- Frei Betto

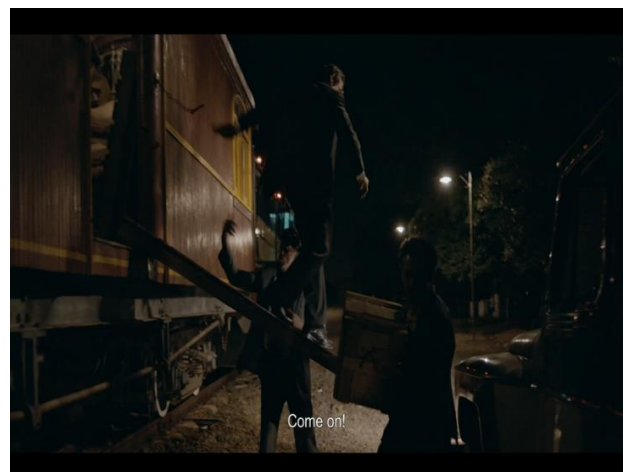
<sup>5</sup> Em meio a Copa do Mundo de 70, enquanto os brasileiros torcem com a seleção, e vivenciam a ditadura militar, um homem comum é confundido com um ativista político e desaparece.

Outro momento marcante de Marighella na ALN que o filme retrata é, sem dúvida, o assalto ao trem pagador, cena no início do filme que é seguida pela trilha *Monólogo ao pé do ouvido*, do grupo Nação Zumbi, na qual Marighella e outros integrantes da ALN assaltam um trem que fazia transporte de armas, numa referência aos assaltos que a ALN fez em trens, pois precisavam bancar a guerrilha. O guerrilheiro Marighella teve a ideia após uma conversa com dois antigos dirigentes sindicais ferroviários, Raphael Martineli e Francisco Gomes, com o intuito de também gerar repercussão (MAGALHÃES, 2012). Eles se inspiraram no assalto que ocorreu a um trem pagador em 1960 em uma das linhas da Central do Brasil, que inclusive inspirou também o filme de mesmo nome.

Fig. 25- Manchete *O assalto ao trem pagador*



Fig. 26- Frame do filme *Marighella* (2019): Assalto ao trem



Há ainda no filme a representação dos dominicanos, que foram fundamentais como auxílio na guerrilha, pois haviam muitos setores de caráter político na Igreja Católica como a Ação Popular (AP), e a Juventude Operária Católica (JOC); já dizia Carlos Marighella em seu *Mini-manual do Guerrilheiro Urbano* "O guerrilheiro urbano eclesial é um integrante ativíssimo na revolução em curso" (MAGALHÃES, 2012).

Dentre as figuras que participaram da guerrilha junto a Marighella estavam os freis que tinham contato direto com a ALN. Frei Tito foi capturado justamente por seu envolvimento com os atos públicos; acusado de liberal por outros militantes terminou por se afastar da luta revolucionária, como afirma Mario Magalhães (2012): "Ele considerou insanável o conflito entre o cristianismo e o marxismo de Marighella".

Já Frei Betto se responsabilizava por auxiliar os militantes foragidos a sair do país pelo Rio Grande Do Sul; ele chegou a ser acusado por um jornalista que produzia

contrainformação para a VPR (Vanguarda Popular Revolucionária), e foi usado como espião pela repressão. Mas os freis que aparecem diretamente no filme *Marighella* são Frei Fernando e Frei Ivo, dois irmãos funcionários de uma livraria. No entanto, há controvérsias quanto ao auxílio que os frades prestavam a Marighella no que diz respeito ao armazenamento de arma e dinheiro em igrejas e os serviços particulares para o líder da ALN, o que se tem registro, segundo Magalhães (2012), é de que em caráter de urgência Frei Ivo marcara um encontro com um jornalista chamado Sinval Leão, em Petrópolis, usando o telefone do convento em São Paulo junto a advogados, dados e documentos que consolidassem denúncias contra as torturas e os suplícios absurdos das salas de interrogação nos porões do DOPS. Contudo os agentes da repressão estavam interceptando esta linha.

Abaixo, na fig. X do filme, *Marighella*, Frei Nando e Branco estão escondendo armas dentro da arca da igreja. Na imagem ao lado, aparecem os freis Ivo e Fernando que eventualmente recebiam ligações de Marighella em função do ativo papel deles dentro da ALN; essas informações foram retiradas deles após serem capturados, ameaçados e torturados pelos algozes de Marighella. Dito isso, em uma dessas eventuais ligações os agentes da repressão interceptaram as informações do último encontro que o revolucionário viria a ter com os freis.

**Fig. 27-** Frame do filme *Marighella* (2019): Marighella, Branco e frei Nando



**Fig. 28-** Frame do filme *Marighella* (2019): Freis Nando e Ivo entregando Marighella



É necessário dizer que não é de hoje que cristãos auxiliam uma luta popular como foi a guerrilha urbana conduzida pela ALN, pois podemos citar ainda a Revolução Pernambucana, que contava com o auxílio de maçons e de padres. Outro exemplo é a Guerra do Contestado, que reuniu centenas de milhares de fiéis católicos contra a elite paranaense e os magnatas ferroviários. Há ainda o Arraial de Canudos, que deu abrigo e subsistência à muitas famílias de cristãos desfavorecidos pela Primeira República Brasileira. Deste modo é evidente a clara interconexão que as camadas mais populares e cristãs possuem com a luta política de socialistas e marxistas, afinal, pois, para eles, é através dos oprimidos e marginalizados que Cristo professa a libertação da alma e promete a vida eterna para os seus seguidores. Pode-se notar não só uma aliança intrínseca no que diz respeito ao envolvimento dos dominicanos com a ação combativa e clandestina da ALN, mas também uma aliança ideológica, historicamente coerente no que concerne os princípios cristãos em conjunto daqueles que pertencem à classe pobre e negligenciada pelo Estado.

**Fig. 29-** Frame do filme *Batismo de Sangue* (2006): A tortura feita a frei Tito



**Fig. 30-** Frame do filme *Batismo de Sangue* (2006): Frei Tito no pau de arara<sup>6</sup>



<sup>6</sup> No artigo “As origens da guerra revolucionária e o uso da tortura pela ótica do documentário Esquadrões da morte: a escola francesa – a história de um legado”, Santos Junior (2014) detalha sobre os métodos de tortura que foram utilizados pelos militares franceses, o que depois foi exportado para o Brasil.

Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/269>

Acima cenas do filme *Batismo de Sangue* (2006), em que frei Tito é torturado pelo DOPS, filme baseado no livro de mesmo nome escrito por frei Betto, militante citado anteriormente e um dos principais protagonistas na luta ao lado de Marighella. Segundo Cardoso & Santos Junior (2014, p. 5),

Os filmes nacionais incorporaram essas “provas” talvez esperando que a divulgação trouxesse consequências ou ações que colocassem em cheque as relações entre Brasil e EUA no presente, ou esperando que a Lei de Anistia fosse revista, trazendo para os tribunais os torturadores que atuaram durante os governos militares.

Para compreender o envolvimento dos frades dominicanos se faz necessária uma assimilação básica do que viria a ser o conceito de “Teologia da Libertação” muito vigente na época e sendo uma das principais pautas, que é difundida até hoje por figuras como o teólogo Leonardo Boff (1994) que diz:

A opção preferencial pelos pobres, tema de destaque do encontro do CELAM, em Puebla 1979, originou-se nas bases da Igreja Brasileira, foi adotada por alguns grupos regionais de bispos no final da década de 60ve por volta da metade dos anos 70. Tornara-se um tema recorrente os documentos da CNBB. Por exemplo: ‘Deus mandou seu filho Jesus para ser a esperança e a defesa do fraco, do marginalizado, do oprimido. A Igreja deve seguir o exemplo de Cristo. Ela ao pode excluir ninguém e deve oferecer a todos, grandes e pequenos, os meios de salvação que recebeu de Cristo. Mas sua opção e seus prediletos são os fracos e oprimidos’. (BOFF, 1994, p. 174).

Cabe ainda fazer referência, por fim, à morte de Marighella, no dia 4 de Novembro de 1969. O que para Marighella poderia ser apenas mais um dia de luta e resistência por não saber que os frades dominicanos com quem deveria se encontrar haviam sido presos no Rio de Janeiro.

### 3.2 O DESFECHO: A MORTE DO REVOLUCIONÁRIO

“Não pretendo nada/ nem flores, louvores,  
trunfos/ nada de nada/ Somente um protesto/  
uma brecha no muro/ e fazer ecoar/ com voz  
surda que seja/ e sem outro valor/ o que se  
esconde no peito/ no fundo da alma/ de  
milhões de sufocados/ Algo por onde possa  
filtrar o pensamento/ a ideia que puseram no  
cárcere”

*O País de Uma Nota Só, Marighella*

Há uma cena do filme *Marighella* que mostra o líder da ALN que marcava encontros diariamente com múltiplos membros da organização, a fim de discutir o

andamento dos chamados “grupos de fogo” nas cidades, para gerenciar a logística que levaria à guerra popular no campo e, principalmente, coordenar o retiro dos seus companheiros mais expostos aos órgãos de repressão da ditadura.

Ele conversava com os demais integrantes da causa, geralmente por meio de telefones públicos e através de códigos para marcar um local de encontro; e foi assim quando conversou com Fernando e Ivo, antes de ser formada a tocaia na alameda Casa Branca, onde se encontrariam e Marighella seria morto; tinha dinheiro em uma pasta para dar aos frades para custear a viagem ao exterior de algumas companheiras foragidas pela rota que Frei Betto operava no Rio Grande do Sul. Depois, um outro membro da organização passaria em outro carro para buscá-lo onde encontraria com os frades.

Lúcio e seus capangas estavam por toda a rua e sorrateiros deixaram Marighella caminhar até o carro onde se encontravam os religiosos. Uma vez encapsulado, Lúcio e os demais saíram de seus respectivos esconderijos abrindo as portas do fusca e deitando os frades na calçada. Marighella, que já havia dito aos seus companheiros da ALN que caso fosse pego não seria levado à tortura, carregava consigo uma cápsula de cianeto a qual alcançou em seu paletó na hora da abordagem, movimento que desencadeou uma centena de tiros, muitos deles atingindo à queima roupa.

**Fig. 31-** O assassinato de Marighella



**Fig. 32-** Marighella alvejado pela polícia



Segundo Magalhães (2012), muitos tiros também ricochetearam, feriram e mataram alguns dos investigadores que acompanhavam Fleury naquele momento; cabe ainda citar que um ex-soldado nazista chamado Frederich Adolf Rohmann,

foragido no Brasil desde a Segunda Guerra em busca de sossego, passava de carro no exato momento da execução, e foi interpretado pelos policiais como parte de um fantasioso aparato de segurança do líder revolucionário, conseqüentemente morrendo ao levar uma onda de tiros.

**Fig. 33-** O assassinato de Marighella, frame do filme *Marighella* (2019)



**Fig. 34-** Marighella morto, frame do filme *Marighella* (2019)



Na cena ainda aparece o delegado Lúcio mandando um de seus subordinados procurar armas dentro do carro, pois precisaria justificar posteriormente a decisão que tomou ao alvejar de balas o guerrilheiro ao invés de levá-lo em custódia, contudo achou apenas as cápsulas de cianeto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho de conclusão de curso procuramos apresentar a trajetória do guerrilheiro Carlos Marighella, a partir da produção cinematográfica dirigida por Wagner Moura intitulada *Marighella*. O filme traz a figura histórica de Carlos Marighella e sua influência como representação da luta armada no Brasil, com base num recorte de um período histórico marcado pela ditadura, censura e perseguição política, e no livro *Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo*, de Mário Magalhães.

Vimos que a produção de Wagner Moura também representou uma denúncia ao governo recente de Jair Bolsonaro, que se espelhou no período ditatorial que o filme retrata. Para isso, realizamos um estudo comparativo do filme com o período histórico da Ditadura Militar, usando como base o referido livro de Mário Magalhães.

Além disso, o filme procura desconstruir a imagem do guerrilheiro Marighella, ao mostrar sua luta em favor das liberdades sociais e democracia no país, longe do que a chamada “direita” procurou fazer tornando-o um criminoso sem escrúpulos e perigoso para a segurança nacional. Ele representa um símbolo do que foi a resistência daqueles que não se dobraram frente ao governo dos generais, e a busca da emancipação do povo brasileiro e autonomia diante de governos autoritários. Tal luta surgiu frente à necessidade de lutar pela democracia brasileira, o que nos mostra que, esta força ditatorial, que não conhece limites para seu domínio, deve ser esmagada com a força daqueles que sofreram diante da censura, seus abusos e suas violações, através de ameaças e terrorismos.

Ao analisar a produção cinematográfica e a biografia de Marighella, pretendemos apresentar não apenas a figura de Marighella, mas também os demais protagonistas na guerrilha contra a ditadura do Regime Militar, suas ações e contribuição na resistência e luta armada.

Ficou claro que a intenção de Wagner Moura era denunciar não apenas um período de retorno das ideias repressoras no Brasil, mas também mostrar que a censura ao seu filme se configurou como uma maneira de apagar o passado sombrio brasileiro dos anos de chumbo; desde os boicotes feitos pelo governo Bolsonaro de forma indireta através da ANCINE, até às movimentações de indivíduos de direita no sentido de demonizar a figura de Marighella e descredibilizar a narração histórica contra a Ditadura Militar no Brasil.

Buscamos comparar as cenas do filme e os acontecimentos históricos que elas representam, além do uso de frames de outros filmes que também ilustram recortes da história de protagonistas da guerrilha durante a ditadura. Por fim, ao dissertar sobre o desfecho do filme e o fim da figura de Carlos Marighella, mostramos de que maneira a ditadura militar no Brasil reprimiu ferozmente os levantes de guerrilha, e implementou a censura no seu mais alto grau, frente à falsa ameaça comunista.

Esperamos que o filme suscite essa retomada da história brasileira para revisitar o passado e manter a memória viva desses acontecimentos sempre como pauta de discussão. Por fim, pretendemos enfatizar nessa leitura crítica que, apesar de épocas diferentes, muito se lembrou, ao longo dos quatro anos de governo do ex-presidente Jair Bolsonaro, o fascismo da Ditadura Militar de 1964 e do AI-5. Desse modo, que Marighella possa inspirar mentes no sentido de sempre estarmos atentos diante da ascensão de regimes totalitários, e efetivarmos formas de resistência que possam manter a democracia e evitar o domínio de ditaduras e ditadores.

## REFERÊNCIAS

AMBROSIO, Andréa Nunes. *Censura e repressão no regime militar: a imprensa silenciada e seus reflexos na sociedade*. Destarte, Vitória, v.1, n.1, p. 98-107, out. 2011. Disponível em <http://revistas.es.estacio.br/index.php/destarte> . Acesso em 04 de Dezembro de 2022.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. Trad. de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, pp.331-2.

**Assalto ao trem pagador.** Disponível em <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/09/06/cineclube-cultura-exibe-dois-filmes-classicos-brasileiros-na-noite-desta-terca-feira-6/> acesso em 02 de Janeiro de 2023.

BATISMO de sangue. Direção de Helvécio Ratton. Belo Horizonte: Downtown Filmes, 2006. 1 DVD (110 min), NTSC, color

BELINCHÓN, Gregorio. *Wagner Moura: “Espero que ‘Marighella’ seja maior que o governo de Bolsonaro”*. Disponível em <https://brasil.elpais.com/noticias/television/> acesso em 01 de Novembro de 2022.

BOFF, Leonardo. *Igreja, carisma e poder*. Ensaios de eclesiologia militante. Petrópolis, editora Vozes, 1994.

Cardoso da Silva, Joel; dos Santos Júnior, Luiz Guilherme BATISMO DE SANGUE: ENTRE O ARQUIVO E O TESTEMUNHO Nonada: Letras em Revista, vol. 1, núm. 22, mayo-septiembre, 2014 Laureate International Universities Porto Alegre, Brasil

CASTRO, Rogério Cavalcante de. **Filmes refrescam a memória sobre a época da ditadura.** Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2016/05/19/filmes-refrescam-a-memoria-sobre-a-epoca-da-ditadura> acesso em 12 de Outubro de 2022.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: Um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

FABBRI, Luce. *Fascismo: definição e história* / Luce Fabbri ; tradução Fernanda Grigolin, Rodrigo Millan e Aquela Mulher do Canto Esquerdo do Quadro ; prefácios Elena Schembri e Gerardo Garay ; epílogos Margareth Rago, Ivanna Margarucci e Thiago Lemos ; notas Dario Marroche et al. — São Paulo : Tenda de Livros, Publication Studio Sao Paulo, 2019 ; Montevideo:microutopias, 2019.

GRAMSCI, Antônio. *Cadernos do cárcere*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 6v., 1999-2004.

HOLLANDA, Cristina Buarque de. Revista Estudos Políticos. Entrevista com Iara Xavier Pereira. Vol. 10| N. 2. ISSN 2177-2851. Disponível em [https://periodicos.uff.br/revista\\_estudos\\_politicos/article/view/43381/24658](https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/43381/24658) acesso em 01 de Março de 2023.

LEMONS, Mariana; HERMANSON, Marcos. “Vocês estão matando um brasileiro!”, gritava Virgílio Gomes da Silva há 50 anos. **Brasil de Fato**, 2019. o Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/09/29/voces-estao=matando-um-brasileiro-gritava-virgilio-gomes-da-silva-ha-50-anos/> Acesso em 01 de Março de 2023.

MAGALHÃES, Mário. *Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo*. 1ª edição. São Paulo: Companhia de Letras, 2012. P.453

MORTOS E DESAPARECIDOS: M.AUGUSTA THOMAZ. Comissão da Verdade da PUC-SP. Disponível em <https://www.pucsp.br/comissaodaverdade/mortos-e-desaparecidos-estudantes-puc-maria-augusta-thomaz.html> acesso em 02 de Março de 2023.

PUTTI, Alexandre. *7 filmes Nacionais que foram atacados pelo governo Bolsonaro em 2019*. Carta Capital. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/cultura/7-filmes-nacionais-que-foram-atacados-pelo-governo-bolsonaro-em-2019/amp/> acesso em 05 de Dezembro de 2022.

RIBEIRO, Pedro Henrique. O mergulho de Bruno Gagliasso para *Marighella*. Omelete, 2021. Disponível em <https://www.omelete.com.br/especiais/entrevista-bruno-gagliasso-marighella/> . Acesso em 25 de Fevereiro de 2023.

Roda Viva. Roda Viva | Wagner Moura | 01/11/2021. YouTube, 01 de Novembro de 2021, disponível em <https://www.youtube.com/live/Fv003Gysd7Q?feature=share>

RODRIGUES, Henrique. **Gagliasso detona Bolsonaro ao falar de Fleury, personagem que interpreta em ‘Marighella’**. Disponível em <https://revistaforum.com.br/brasil/2021/11/26/gagliasso-detona-bolsonaro-ao-falar-de-fleury-personagem-que-interpreta-em-marighella-106733.html>

SELIGMANN, Márcio; GINZBURG, Jaime; HARDMAN, Francisco Foot (Org.). *Escritas da violência*, vol 2: representações da violência na história e na cultura contemporânea da América Latina. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012. In: CARDOSO da Silva, Joel; dos Santos Júnior, Luiz Guilherme. BATISMO DE SANGUE: ENTRE O ARQUIVO E O TESTEMUNHO. Nonada: Letras em Revista, vol. 1, núm. 22, mayo-septiembre, 2014. Laureate International Universities. Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451668013>

TORRES, Leonardo. *IMDB identifica mutirão de notas baixas ao filme “Marighella”*. Disponível em <https://portalpopline.com.br/imdb-identifica-mutirao-notas-baixas-marighella/> acesso em 09 de Dezembro de 2022